

À procura de uma pergunta

Inicialmente, a minha intenção era a de estudar os sentimentos de pertença (a uma cidade, a uma região ou a um país) de um determinado conjunto de músicos que vive «estruturalmente» em itinerância.¹ A minha proposta consistia em integrar uma *tournee* europeia de uma banda norte-americana e produzir um trabalho etnográfico com os dados recolhidos. A banda que tinha em mente era um grupo de *ska* e *reggae* nova-iorquino, chamado The Slackers. Foi a minha própria experiência enquanto músico amador desde 2003, pertencente a este mesmo meio musical (o meio do revivalismo jamaicano dos anos 60 – *ska* e *reggae*), que não só alimentou o meu interesse em torno deste género como possibilitou uma série de contactos, nomeadamente com este grupo. Os membros dos The Slackers fazem das digressões a sua principal actividade, passando mais de metade do ano *on the road*, entre os Estados Unidos, a Europa e a América do Sul (com algumas passagens esporádicas pelo Japão).

A interrogação que me guiava centrava-se em examinar até que ponto esta condição itinerante afectaria as suas construções e representações identitárias, reflectidas em sentimentos de pertença a certos lugares. Será que viver «estruturalmente» em trânsito implicaria uma percepção de si mesmo como indivíduo errante, liberto de âncoras culturais locais? Ou, pelo contrário, será que essas

¹ Este livro é uma adaptação da dissertação de mestrado, defendida no Instituto de Ciências Sociais, em Dezembro de 2009.

âncoras se reproduziriam quotidianamente, inclusive em contextos de mobilidade diária? Encontrar respostas a estas inquietações conduzir-me-ia a testar a aplicabilidade e validade de algumas propostas teóricas, desenvolvidas nos últimos anos pela antropologia da globalização, que anunciam a chegada de uma época pós-nacional, caracterizada pela emergência de um mundo híbrido e crioulo, resultante das crescentes mobilidades humanas e do desenvolvimento de fluxos e diálogos entre as diversas culturas.

Por várias contingências, não me foi possível fazer parte de qualquer *tournee* da banda nova-iorquina. Fui obrigado a encontrar uma outra solução para concretizar o meu trabalho. Não foi fácil conseguir um acordo, visto que as bandas já têm os seus esquemas montados e contam com o seu *staff* particular há muitos anos. Qualquer novo elemento não só pode ser visto como uma «ameaça» à privacidade da banda, como também uma fonte de despesas adicionais. Foi só em Janeiro de 2009, depois de vários e longos contactos, que duas bandas do Texas aceitaram a minha presença. As bandas intitulam-se The Stingers Atx (*Atx* significa Austin, Texas) e Contra Coup e pertencem ambas ao meio musical do revivalismo jamaicano, tal como os The Slackers. Embora com abordagens musicais ligeiramente diferentes e com vocalistas principais distintos, os músicos das duas bandas são os mesmos. Assim, para facilitar a leitura do trabalho, farei apenas referência à banda The Stingers, visto que foram sempre os cabeças-de-cartaz e são claramente a banda mais conhecida das duas.

Cerca de quatro meses depois dos contactos iniciais, no dia 10 de Maio, estava a embarcar para Amesterdão para começar uma *tournee* europeia de aproximadamente três semanas com este grupo. Os primeiros três ou quatro dias foram muito complicados. Em primeiro lugar, por motivos de ambientação a um novo espaço – espaço esse que se caracteriza por uma mobilidade permanente. Não é, de facto, muito fácil a adaptação a um ritmo frenético de movimento. Como teremos oportunidade de ver, os

concertos realizaram-se todos os dias, em cidades separadas, em média, por 500 km. A carrinha transformou-se numa espécie de «casa», ao longo deste período. Em segundo lugar, porque me apercebi de que a minha proposta de estudo não se adequava à realidade que o terreno me oferecia. Tive, pois, de reequacionar os meus argumentos e desenhar uma nova abordagem.

Contrariando aquilo que inicialmente pressupus, estes músicos, em contraste com os dos The Slackers, não fazem da estrada a sua principal actividade. Não é daí que tiram o seu sustento. Na verdade, a frequência de espectáculos da banda The Stingers Atx é reduzida. Apesar de já contar com uma discografia de quatro discos originais editados nos Estados Unidos e na Europa, os seus espectáculos são muito esporádicos. Para além das *tournées* europeias, que se realizam sensivelmente uma vez por ano e têm uma duração aproximada de três semanas, os The Stingers só tocam juntos mais meia dúzia de vezes por ano no seu país de origem. Fazer parte da banda é apenas mais uma das múltiplas actividades que preenchem o quotidiano dos seis músicos: ou são professores de música, em escolas públicas e privadas, ou têm outras actividades profissionais regulares e estáveis na sua cidade de residência. Para além destes compromissos laborais fixos nas cidades onde vivem, quatro deles são casados e outros tantos têm filhos pequenos. O perfil destes músicos revelou-se muito diferente daquele que inicialmente pensei constituir o objecto da minha pesquisa.

Assim sendo, pelo quarto dia da *tournee*, pressenti que o meu olhar antropológico devia apontar numa outra direcção. Tive a sensação de que devia passar a estruturar o meu trabalho através de questões mais orientadas por aquilo que observava e não tanto pelas propostas de partida. Apesar de, nas conclusões do estudo, voltar a abordar algumas das principais linhas teóricas e analíticas de que me ocupei inicialmente, o meu objectivo focar-se-ia agora em indagar as motivações daqueles músicos para fazerem as próprias *ournées*. Porquê embarcar para a Europa, deixando para trás

fortes compromissos laborais e familiares, para tocar durante três semanas? Prospectar as suas razões permitir-me-ia compreender não só toda a arquitectura de uma banda em movimento como também questionar e examinar a própria natureza identitária de um músico deste género, isto é, de um músico pertencente à cultura *rock*, no sentido mais lato.

É o que procurarei fazer nas páginas que se seguem. Espero que, à medida que me dedico ao exercício proposto, possa também deixar transparecer várias dimensões do lado privado de uma banda semiprofissional na estrada. Este lado privado ou, se quisermos, num tom goffmaniano, os bastidores de uma banda em movimento, é uma vertente relativamente desconhecida do público.² Tentarei desvendar, refutar ou confirmar muitas das representações do senso comum em relação às bandas na estrada e relatar outros tantos lados ocultos, nunca esquecendo a minha proposta central, isto é, responder à questão axial do meu estudo: Porquê fazer uma *tournee*?

Para a prossecução dos meus objectivos, dividirei o trabalho em quatro partes distintas. O primeiro capítulo centrar-se-á nas estratégias metodológicas que guiaram a investigação, a saber, a «observação participante» e, de forma mais residual, um método histórico. Farei algumas apreciações detalhadas sobre as principais dimensões e aspectos que marcaram essas opções metodológicas. Em seguida, darei uma explicação sobre o conteúdo e a organização dos anexos, de forma a possibilitar ao leitor uma melhor interacção com os mesmos. Antes de avançar para o capítulo segundo, procederei ainda a uma breve avaliação da importância que a minha própria experiência enquanto músico amador teve nesta investigação.

² O tom goffmaniano refere-se ao livro *The Presentation of Self in Everyday Life*, no qual Erving Goffman concebe as interacções humanas numa perspectiva dramática (Goffman 1959).

O segundo capítulo é de teor essencialmente teórico, e nele se fará uma contextualização dos músicos em análise e do revivalismo jamaicano dos anos 60. Procurarei situar e definir alguns dos conceitos basilares deste estudo, tais como meios musicais, cultura *rock*, redes sociais e circuitos musicais. Estas ferramentas conceituais, mobilizadas ao longo do trabalho, revelar-se-ão muito proveitosas para descrever e analisar a organização da *tournee* em estudo. Eminentemente introdutório, este capítulo servirá para perceber melhor o tipo de músicos com quem trabalhei, alguns particularismos do meio musical em causa, a forma como estes se produzem e reproduzem através de redes e circuitos sociais e ainda os modos como esses mesmos músicos gerem e constroem as suas carreiras.

O terceiro é o capítulo central do meu estudo. Nele, tentarei formular hipóteses sobre os motivos dos músicos para realizarem as digressões, ensaiando de imediato respostas, através dos dados recolhidos no trabalho de campo. Procurarei verificar se os seus motivos são meramente de ordem económica, recorrendo a um exame do orçamento da *tournee*, mormente dos gastos envolvidos e dos lucros que cada músico dela retirou. Averiguarei se se trata de uma mera forma de divertimento ou se há antes um desejo de promoção da banda, e conseqüente crescimento, através da angariação de fãs. Indagarei se aquilo que os músicos procuram nas *tournees* é uma experiência de viagem ou descoberta, contactando novos países e novas cidades. Para tal, darei conta dos horários que regularam o nosso quotidiano na digressão, farei algumas análises à cartografia dos nossos percursos e examinarei algumas dimensões relacionadas com a *performance* artística e ainda com os próprios discursos dos músicos, tanto em palco como fora dele. No final do capítulo, apresentarei as conclusões a que cheguei, ensaiando uma resposta final para a pergunta central do trabalho. Como veremos, o meu argumento é o de que é o próprio sentido de mobilidade que move os músicos em estudo e ordena as suas

actividades musicais; é a forte cumplicidade entre os músicos e a estrada que está por detrás das suas motivações.

O quarto capítulo é o último do livro, antes das conclusões. Tendo em conta as reflexões elaboradas a partir dos dados recolhidos no trabalho de campo, que, como disse, sugerem que o que faz mover os músicos é a busca da própria experiência da mobilidade, farei duas propostas distintas. A primeira reside em configurar o músico como uma figura de mobilidade, isto é, como alguém que depende da mobilidade para construir e perpetuar a sua identidade. A segunda proposta centra-se em definir aquilo a que chamarei ideal de mobilidade na cultura *rock*. Refiro-me a um conjunto imaginário de idealizações, práticas e representações, relacionado com questões de movimento e mobilidade, que serve de guia à acção dos músicos. No fundo, trata-se de dar alguma espessura histórica à primeira proposta.

Para fechar o trabalho, como referi anteriormente, pretendo abrir novas perspectivas sobre mobilidades na sociedade contemporânea, retomando algumas das minhas preocupações iniciais de estudo. Deste modo, nas conclusões do livro, preocupar-me-ei em debater a natureza das mobilidades com características semelhantes às dos músicos, equacionando-as de um ponto de vista mais abrangente. Proponho que as projectemos para outras actividades e quadrantes profissionais, de modo a transformá-las numa problemática que pode conduzir-nos a interessantes linhas de investigação sobre a importância da mobilidade humana no mundo contemporâneo. Para já, não quero desvendar mais pormenores. Iniciemos, então, a «viagem».